

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Globo Class.: 10

Data 13/05/84 Pg.: \_\_\_\_\_

## CRIADOR DE HUMBOLDT CRITICA POLITICA OFICIAL PARA REGIÃO

# Integrar Universidades é saída para Amazônia

**(G.D.)**  
 A Universidade da Amazônia. Integrar as seis universidades amazônicas e seus 40 mil alunos através de um campus eletrônico para possibilitar a formação de uma nova geração, com conhecimentos suficientes para a autodefesa e a auto-orientação do desenvolvimento amazônico. Essa é a proposta do professor Pedro Paulo Lomba para salvar "a última grande reserva terrestre de forças e materiais existentes sob o clima quente e úmido no planeta". Criador da cidade-laboratório Humboldt, na floresta de Aripuanã — que tinha

os mesmos objetivos, mas foi desativada pelo CNPq em 1978 — o cientista fala da inutilidade dos grandes projetos do Governo, da depredação da Amazônia durante a construção da Transamazônica — "Cuiabá era uma Saigon da guerra ecológica" — e da despreocupação dos governantes em relação a essa importante questão.

— Defender a Amazônia da destruição inútil é tarefa diária do Estado nacional brasileiro. Acho interessante o fato de que nenhum destes presidentes sequer fale no assunto.

### Vila científica testava ocupação na floresta

Carioca, 42 anos, Pedro Paulo Lomba tornou-se conhecido a partir do Projeto Humboldt, concebido por ele em 1972. Com auxílio do Governo, montou uma pequena vila experimental na floresta de Aripuanã, na Amazônia, que deveria ser um campo de testes para "a criação de tecnologia e metodologia administrativa aplicável à ocupação racional e não predatória da Amazônia".

Mas o projeto não foi adiante: a partir de 1975, a Universidade de Mato Grosso assumiu seu comando e o CNPq desativou-o em 1978. Mas Lomba continuou trabalhando no assunto. Sua "Engenharia de Ocupação Racional da Amazônia", um feixe de cinco grandes grupos de projetos tropicais — entre os quais o de um novo sistema de transporte baseado em dirigíveis a hélio — está engavetado deste 1975.

No "Polígono de Conhecimento da Amazônia", desenvolveu um projeto de pesquisa integrada que hoje desembocou em outro: o da Universidade da Amazônia. Coordenador, no final da década passada, do projeto corretivo da colonização da Transamazônica, Lomba foi professor da Cornell University, nos Estados Unidos e é hoje membro do Conselho de Planejamento da Universidade de Mato Grosso e consultor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

**O** General Danilo Venturini declarou recentemente que está para ser anunciado um novo plano para a Amazônia que, segundo ele teria um grande nome. O que acha disso?

— O general está certo em nos propor um grande nome. Não um grande plano, tipo PIN.

O que foi o Programa de Integração Nacional?

Em 1972, com as novas rodovias amazônicas em construção acelerada, apareceu na revista da Organização dos Estados Americanos, a seguinte explicação do que fazíamos: "Tendo-se por base as faixas laterais de 100 quilômetros, num total ambilateral de 200 quilômetros e como os sítios (que surgiriam ao longo das novas rodovias) serão de 100 hectares, isso significa que existirão 200 sítios por quilômetro rodoviário. Como a Transamazônica medirá 5.499 quilômetros, se desse total 4 mil quilômetros, cerca de 75 por cento, forem aproveitáveis para o loteamento, deduzidos os charcos, rios, lagos e áreas reservadas para cidades, vilas e outros fins, a rodovia abrangerá um total de 800 mil sítios. Atribuída a cada sítio a média de cinco pessoas, aí teremos uma colonização de quatro milhões de habitantes. Se esse mesmo critério for mantido na construção do Plano Rodoviário Global da Amazônia projetado pelo Governo, estipulado oficialmente em 13 mil quilômetros, e se 75 por cento das terras laterais forem loteadas, ou seja, 9.750 quilômetros, teremos um total de 1.959.000 sítios e uma população de 9.750.000 habitantes, transformando-se assim o grande deserto brasileiro numa das regiões mais populosas do País".

— E o que aconteceu?

Trabalhei num projeto corretivo da colonização da Transamazônica, entre a rodovia e o Rio Iriri, afluente do Xingu, em 1977. Talvez existissem uns 6 mil colonos ativos, lutando para produzir arroz. Em julho de 1981, a Transamazônica, na estação seca, era percorrida por dez veículos por dia entre Itaituba e Jacareacanga, e o DNER informava a existência de 120 pontos críticos na estrada, a serem corrigidos com construção de variantes. Há poucos dias, no início da estação seca, a Transamazônica estava intransitável. Os charcos, rios, lagos cobrem uns 90 por cento da área na estação da chuva. Não os 25 por cento previstos.

— O que aconteceu com o projeto corretivo? Uma flecha dos índios Arara na caixa torácica de um funcionário da FUNAI arquivou-o. Curiosamente, nossa expedição de reconhecimento de



Paulo Lomba defende execução imediata de planos para salvar a Amazônia

topografia e solos não foi incomodada pelos índios. Não havia pessoal da FUNAI conosco. Índio é mercado de trabalho deles.

— O que significou aquela fase de conquista da Amazônia para a sua geração?

— Foi o nosso Vietnã. Em 1972, Cuiabá era uma Saigon da guerra ecológica. Você podia contratar o lançamento de desfolhantes na sua gleba para ajudar no desmatamento. Custava 800 cruzeiros por hectare. Uma empreiteira importou uma gigantesca máquina de desmatamento, o Esmagador Tático Anfíbio, que havia sido construído pela Le Torneau para a guerra do Vietnã. Logo de saída, fui informado de que estavam morrendo entre 80 a 100 pessoas por dia em todas as frentes de trabalho na selva, oficiais e privadas. Reduzi a estimativa a 10 por cento, o que correspondeu às perdas humanas do Radam em relação a seu pessoal, na fase amazônica. No mínimo, as perdas foram de 3.600 pessoas por ano. No Vietnã, em dez anos de guerra, morreram 5 mil soldados americanos por ano.

— Onde houve mais perdas, na implantação das estradas ou da agropecuária?

Onde houvesse mais malária. E havia malária em toda parte. Em média, metade das nossas forças de trabalho estava doente, diariamente. Uma rotina de lama, mosquito e febre.

— Quantas vidas foram perdidas na implantação da cidade-laboratório de Humboldt?

Nenhuma. Nós sabíamos o que estávamos enfrentando, tínhamos capacidade de previsão e de ação coordenada. Nossa especialidade era usar a cabeça.

— O que significou Humboldt? Uma oposição frontal e aberto

ao PIN, patrocinada pelo próprio Governo. Era um projeto oposto ao da Transamazônica. Sua divulgação internacional serviu para melhorar a imagem do Brasil, provando que não éramos criminosos ecológicos e, muito menos, burros. Em 1974, Humboldt já era respeitada mundialmente como um empreendimento científico-tecnológico avançado para a ocupação de um novo meio ambiente. Apenas os soviéticos haviam tentado algo semelhante na Sibéria, em 1964.

— A cidade-laboratório ainda seria atual hoje?

Não. Ainda seria avançada. Um geólogo respeitável considerou-a, juntamente com o Radam, o único fato realmente interessante em 350 anos de história da Amazônia.

— O senhor poderia resumir os objetivos de Humboldt?

Estabelecer, dentro da floresta amazônica, longe de qualquer centro urbano, uma pequena vila experimental que funcionasse como um campo de testes em escala real para a criação de tecnologia e metodologia administrativa aplicável à ocupação racional e não predatória da Amazônia. Nossa meta era a criação de uma vila amazônica contemporânea, segura e confortável, capaz de viver bem ao lado da floresta tropical úmida. Durante mais um ou dois séculos teremos necessidade dela.

— Por quê?

Pelas razões que o General Venturini conhece bem. Um terço da população brasileira ocupa nove grandes cidades, outro terço ocupa outras duas mil cidades menores do interior, e o terço restante mora em 2 milhões de quilômetros quadrados. O que caracteriza o desenvolvimento brasi-

leiro na segunda metade do século XX é a mais alta taxa de urbanização do mundo. Acumulamos muita gente em pouco espaço. No perímetro Rio-São Paulo-Santos moram 20 por cento da população brasileira desde 1972. Para atender às necessidades básicas dos habitantes desse macroeixo entre as duas maiores cidades do País havia, já em 1975, necessidade de ser investido o equivalente a 600 transamazônicas. O Brasil do século XXI será uma nação de megalópoles e megasselvas.

— Descontinuidade administrativa. Foi implantada num clássico fim de governo. Eu a criei e dirigi pessoalmente sua implantação, com auxílio da FAP, entre 1972 e 1973. A partir de 1975, o CNPq substituiu a Universidade de Mato Grosso no comando do projeto e a desativou silenciosamente em 1978.

— O que fazer para reorganizar este esforço perdido?

Primeiro, impedir a formulação de grandes planos para a Amazônia baseados em ignorância humano-ambiental. Grandes nomes, sim. Grandes planos ainda são inviáveis. Os planejadores soviéticos podem se dar ao luxo de cometer grandes erros na Sibéria. A imprensa soviética pertence ao Estado. Segundo, ir melhorando a ação dos órgãos públicos que operam diariamente na super-região, estimulando sua amazonização. Terceiro, formar uma nova geração dentro da super-região, com conhecimentos suficientes para a auto-defesa e a auto-orientação do desenvolvimento amazônico.

— Como criar esta nova geração amazônica? Integrando as seis universidades amazônicas, com cerca de 40 mil alunos, através de um campus eletrônico. Teríamos o mais extenso e orientado sistema interuniversitário regional do mundo contemporâneo. Só os canadenses e os soviéticos poderiam imitá-lo dentro de suas gigantescas florestas frias. Podemos acoplar a cada campus, hoje isolado, uma unidade chamada Universidade da Amazônia, ligada às outras por um canal do Sistema de Tropicifusão da Amazônia, e, depois, por satélite. Com isso teríamos pontas dentro das nossas universidades capazes de receber e redistribuir informação científica e tecnológica inovadora, sem perturbar a rotina dos departamentos, permanentemente mergulhados na crise do ensino. Já temos condições para concretizar a Universidade da Amazônia. Sem necessidade de investimentos espetaculares.

— O que está faltando?

A decisão pessoal da Ministra da Educação. Uma decisão de quem acredite mais na História e menos na burocracia.